

História e Educação Ambiental: reflexões sobre desafios contemporâneos ambientais

Larissa Guimarães de Sousa Cavalcanteⁱ 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

1

Resumo

Esse relato de experiência tem como objetivo refletir sobre a contribuição da articulação da História e da educação ambiental como caminhos para criticidade dos desafios ambientais contemporâneos que perpassam a sociedade atual. A construção desse trabalho se deu através das experiências vividas em diferentes momentos: o primeiro por uma canção elucidada na minha infância *É tempo de ser feliz*, de Jamily e o segundo vivência acadêmica no VI Colóquio de História Contemporânea da URCA, na mesa “Antropoceno, capitaloceno e urgência climática”. Esse trabalho tem uma abordagem qualitativa e exploratória baseado no conceito de escrevivência da Conceição Evaristo. Os resultados obtidos foram acerca da importância da articulação da História e da Educação Ambiental ênfase pós-crítica para reflexão da realidade e conscientização crítica dos desafios contemporâneos ambientais sobre passado e presente. São necessárias mais produções acadêmicas sobre a temática e que Instituições sejam fomentadoras de ecossistemas de ideias e propiciem diálogos importantes.

Palavras-chave: História. Educação Ambiental. Reflexão.

History and Environmental Education: reflections on contemporary environmental challenges

Abstract

This experience report aims to reflect on the contribution of the articulation of History and environmental education as pathways to critically addressing the contemporary environmental challenges facing today's society. This work was developed through experiences at different moments: the first, through a song elucidated in my childhood by Jamily, "It's Time to Be Happy," and the second, through academic experience at the 6th URCA Contemporary History Colloquium, on the panel "Anthropocene, Capitalocene, and Climate Urgency." This work adopts a qualitative and exploratory approach based on Conceição Evaristo's concept of writing. The results obtained emphasized the importance of articulating History and Environmental Education, with a post-critical emphasis on reflecting on reality and critical awareness of contemporary environmental challenges, both past and present. More academic production on this topic is needed, and institutions should foster ecosystems of ideas and foster important dialogues.

Keywords: History. Environmental Education. Reflection.

1 Introdução

2

Salvem o nosso planeta
Salvem o nosso país
Salvem a nossa Amazônia
O nosso verde está por um triz [...]
Salvem meu futuro
Eu quero respirar ar puro
500 anos quero bis
Dá tempo de ser feliz
(Cesar, 2002)

Essa música se chama *É tempo de ser feliz*, cantada por Jamily lançada no ano de 2002, marcou minha trajetória escolar. Lembro-me de ouvi-la quando ainda era estudante do ensino fundamental e médio para refletir a respeito da temática ambiental. A questão do meio ambiente era especialmente elucidada em dias específicos ou projetos pontuais de reciclagem e consumo consciente. Essa memória afetiva por meio da canção possibilitou trazer uma reflexão da importância da temática educação ambiental na educação básica e hoje retorna ressignificada diante da minha vivência acadêmica. Recentemente participei do VI Colóquio História Contemporânea na Universidade Regional do Cariri (URCA), na mesa três no dia dez de setembro de dois e mil vinte cinco intitulada: *“Antropoceno, capitaloceno e urgência climática: um novo “giro” para a História?”* Através dessa experiência surgiu a questão central deste relato: como a História, articulada com a Educação Ambiental, pode contribuir para a formação de um pensamento crítico sobre os desafios ambientais contemporâneos?

O presente relato foi construído sob inspiração do conceito *escrevivência* da Conceição Evaristo, adota uma abordagem qualitativa e exploratória. Parte da análise da leitura de artigos sobre o objeto, da reflexão da mesa em que participei enquanto mestrande e pesquisadora. Desta forma ocorre um processo de triangulação entre memória, experiência e revisão bibliográfica para compreender as transformações sociais, econômicas e ambientais por meio da contribuição e conexão da História articulada com a educação ambiental.

A História pode ser compreendida como a ciência do homem no tempo, conforme afirmado por Bloch (1997, p. 89, *apud* Carvalho, 2019); em outras palavras é o estudo da trajetória da ação humana no tempo marcada por transformações na mentalidade, no viés econômico, religioso e ambiental na sociedade ao longo do tempo. Nenhuma ação do homem sobre sua relação em sociedade e no meio que está inserido é neutra, principalmente no recorte temporal do mercantilismo, grandes navegações e Revolução Industrial consolidou-se um modelo de produção que propiciou matéria-prima da natureza em mercadoria estabelecido uma nova lógica de consumo, trabalho e tempo. Como consequência desse novo dinamismo no mundo moderno os impactos ambientais e sociais desse processo permanecem até hoje e se apresentam na contemporaneidade com desafios a crises climáticas, ecoansiedade, perda de biodiversidade e tensões entre tecnologia e sustentabilidade.

A Educação Ambiental diante as transformações que o sistema de produção econômica perpassa na sociedade tem sido crucial para reflexão da nossa relação com o meio ambiente principalmente na educação básica onde é um dos primeiros eixos formadores do ser humano. Esse trabalho, portanto, retrata sobre os desafios e como a história articulada com a educação ambiental pode contribuir para conscientização crítica da nossa trajetória no tempo presente com o meio ambiente.

2 Metodologia

Este trabalho foi construído por meio do relato de experiência com a seleção da abordagem qualitativa, exploratória e descritiva que consegue associar os campos da subjetividade e da experiência com a revisão bibliográfica sobre a temática que possibilitou uma reflexão crítica sobre o objeto proposto segundo Gil (1999). Assim, a escrita deste relato foi pensada no conceito de Conceição Evaristo denominado de *escrevivência*, o qual segundo Andrade *et al.* (2025) nomeia a escrita que nasce da vivência e da memória e contribui para a valorização do cotidiano que legitima a subjetividade, interpretando-a e analisando-a como fonte rica de compreensão.

A estruturação se consistiu por meio da memória escolar retomada por meio de uma canção que aponta como reflexão sobre a presença da temática da educação ambiental na educação básica década 2000. A relação com a vivência acadêmica na mesa três do VI Colóquio de História Contemporânea da URCA (2025), intitulada *“Antropoceno, capitaloceno e urgência climática: um novo ‘giro’ para a História?”*, onde surgiram debates sobre a relação entre História e os desafios ambientais contemporâneos e para compreensão fundamentada uma articulação com a literatura por meio de consultas de artigos sobre a temática Carvalho e Costa (2016), Barbosa (2005), Pinto *et al.* (2025) que oferecem reflexões para compreender o atual cenário e seus desafios por meio do conhecimento histórico.

Por meio dessa fundamentação metodológica busca-se contribuir como a História e a educação ambiental na emergência da compreensão dos desafios contemporâneos ambientais podem conscientizar sobre a trajetória no tempo presente.

3 Resultados e Discussões

Com base a experiência vivenciada no VI Colóquio de História Contemporânea da URCA, especialmente na mesa intitulada *“Antropoceno, capitaloceno e urgência climática: um novo giro para a História?”* Fomentou reflexões a respeito da dinâmica atual de como vivemos enquanto sociedade e os desafios contemporâneos que nos perpassam. Logo no início da palestra foi apresentado dados que evidenciaram como nosso estilo de vida está relacionado com as mudanças climáticas e contribuem para a gravidade dos desafios ambientais e sociais. É importante elucidar que as demandas atuais não são questões isoladas e imediatistas, mas faz parte de um longo processo histórico por meio da lógica produtiva, industrial com a exploração da natureza interconectada com a questão cultural e social do homem em relação ao seu meio inserido.

Dessa forma, a História se torna uma aliada como possibilidade de reflexão que possibilita compreender como diferentes sociedades, contextos se relacionavam entre si e no ambiente que estavam inseridos. Conforme Carvalho e Costa (2016),

separar o conhecimento histórico do natural por considerá-lo que seu foco é somente o social limita a compreensão de uma racionalidade ambiental e espacial. Ainda, segundo Carvalho e Costa (2016, p. 68):

A História permite comparações entre passado e presente, com vistas à construção de ideias críticas e que desmontam a naturalização do comportamento atual, sobre o meio ambiente, assim como sobre todas as coisas. Ou seja, de que nosso modo de ser e agir é e sempre foi assim, que isso é natural: a História mostra exatamente que, em outros tempos e lugares, sociedades humanas agiram diferentemente em relação à natureza, e que uma mudança é sempre possível, uma vez que essas condutas são construídas pelos humanos, de acordo com o contexto (espacial, temporal e social/cultural) em que vivem.

Diante ao elucidado é possível perceber que a dissociação entre a perspectiva do natural com o conhecimento histórico enfraquece a construção de uma racionalidade ambiental no tempo presente. Somos seres sociais e históricos, que vivem em determinado espaço e agem culturalmente nesse meio. Enfatizar esse ponto abre caminhos para articulação da educação ambiental com a reflexão histórica de modo que possibilite compreender as consequências e ações humanas criticamente tanto no passado quanto no presente. Essa necessidade também se faz presente no respaldo jurídico. A Constituição Federal de 1988 estabelece, em seu artigo 225, que:

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (Brasil, 1988, art. 225).

A presença da garantia do equilíbrio do meio ambiente para as futuras gerações tem sido no século XXI discutidas e analisadas. O VI Colóquio História Contemporânea URCA abordou durante a mesa número três que as consequências ambientais têm evidenciado um futuro apesar dos avanços tecnológicos, se apresenta como frágil. As consequências dos atuais desafios climáticos e ambientais tem sido profundamente prejudicial, segundo Pinto *et al.* (2025, p. 224)

As alterações climáticas têm implicações importantes para a saúde e o futuro das populações e comunidades, adicionando o fato ainda de que os afetados possuem pouco poder para limitar os seus danos, tornando-os vulneráveis, ainda mais, ao medo, tristeza, frustração, estresse e ansiedade relacionados às mudanças ambientais em suas rotinas, ou seja, prováveis ecoansiosos.

6

A ecoansiedade tem sido uma das consequências contemporâneas que tem emergido nos últimos anos, conforme apresentado durante a mesa pela Professora Doutora Jane Derarovele Semeão e Silva; as consequências das mudanças climáticas têm aumentado uma preocupação contínua na geração atual devido às incertezas com o futuro, medo dos desastres ambientais, a iminência de novas doenças infecciosas e as inseguranças alimentares afetam diretamente a saúde mental, gerando ansiedade e até quadros de depressão. Um fato contemporâneo que se pode refletir a respeito dos impactos da questão desastres ambientais e o aumento de casos sobre ecoansiedade tem sido no Brasil, a tragédia de Mariana no ano de 2015 (Santos, 2020), Brumadinho no ano de 2019 (Santos, 2020) e as enchentes em 2024 no Rio Grande do Sul (Silva, 2024). Essas tragédias reforçam o sentimento de incertezas, desesperança em relação ao futuro devido as perdas materiais, imateriais e nas mudanças bruscas em uma rotina que era estável. A ecoansiedade é tangenciada mais intensamente por quem viveu as perdas e as tragédias diretamente, mas quem não vivenciou de forma direta pode desenvolver preocupação e inquietação sobre a estabilidade e segurança sobre o meio ambiente e das condições básicas de sobrevivência.

A problemática atual dos desafios como ecoansiedade tem sido pontapé para refletir as mudanças sentidas pela juventude década dos anos 2000 para a geração de hoje. Lembro-me quando era criança, a minha experiência com a temática sobre questão ambientais eram em datas específicas ou vivenciadas por meio de projetos como a questão da coleta seletiva, a aprendizagem sobre os 3R's (reduzir, reutilizar, reciclar), mas em contrapartida ao presenciar na mesa a abordagem sobre ecoansiedade percebi que a abordagem ambiental é uma necessidade mais acentuada e que deve ser trabalhada de forma crítica, clara articulada da realidade e com o presente. A atual legislação da educação brasileira juntamente com os

parâmetros nacional constata que a temática educação ambiental é um tema transversal que deve ser trabalhado e se fazer presente no ambiente escolar.

Por meio da reflexão deste relato de experiência e à medida que fui articulando as vivências em diferentes momentos de minha vida percebi a importância da articulação da educação ambiental com a História. A construção da formação do pensamento crítico, reflexivo vai além de aulas expositivas. É possibilitar que dentro da sala de aula, alunos, discentes sejam capazes de compreender de forma panorâmica o seu passado e o seu presente e agir conforme Freire (2019) para uma educação que forme o sujeito que intervenha politicamente, criticamente na sua realidade. Os desafios climáticos ainda são presentes na nossa sociedade e vejo como relevante a educação ambiental pós-crítica com base o trabalho lared *et al.* (2021). Esse trabalho evidencia da importância de ampliar possibilidades sobre uma prática educativa que valorize a sensibilidade, a afetividade que seja distante do pragmatismo hegemônico. Dessa forma a aproximação da temática sobre reflexão ambiental, no caso abordado neste relato, prova-se como a canção da cantora Jamily ecoou até hoje na minha percepção devido a afetividade gerada, assim como o VI Colóquio da História Contemporânea, possibilitou por meio das trocas e diálogos oferecidos pela mesa um espaço para reflexão que resultou na construção deste trabalho. Ambos evidenciam que essa temática deve se fazer presente nas instituições já que estamos vivendo e interferindo direta ou indiretamente com o meio ambiente.

A dinâmica contemporânea presente nas cidades evidencia a complexidade devido as problemáticas existentes, mas que possibilita reflexões de como se está sendo vivenciada na sociedade seja coletivamente ou individualmente. Diante ao trabalho Valéria lared *et al.* (2021) foi constatado que:

Constatamos que a conexão com a natureza favorece a criação de um compromisso com o mundo. Assim sendo, afirmamos que diante da importância das vivências ambientais na constituição dos seres humanos, não podemos deixar de refletir, enfrentar e (re)implantar mais vida nos espaços urbanos, recordando que grande parte das crianças hoje crescem nas cidades. Então, não podemos deixar de considerar a perspectiva apresentada por Payne et al. (2018), de que precisamos superar o ensino estritamente racional, investindo nas vivências enquanto forma de estabelecer vínculos e conhecimentos

Os desafios contemporâneos tangenciado pela lógica do capitalismo, precisa ser questionado e analisados. É preciso refletir que tipo de sociedade estamos construindo e qual legado iremos deixar para a futura geração. Historicamente, o mundo passou por transições e transformações, que foram sendo historicizadas por meio de novas metodologias de análises para se compreender as dinâmicas pertinentes. É necessário ir além do quesito técnico, é preciso dialogar com o presente. Foi abordado durante a mesa sobre o conceito de Antropoceno e capitaloceno e deixei para retratar ao final. A questão do Antropoceno diz quesito a “transformação histórica do mundo biofísico, bem como na crise ambiental global, gerando assim, uma nova era geológica” Segundo Gaboardi (2021, p.50) e capitaloceno “considera que a ação humana é perpassada pelas relações políticas e econômicas de poder e desigualdades no contexto do capitalismo global” (Ulloa, 2019 *apud* Gaboardi, 2021, p. 50). Esses conceitos propiciam a analisar a situação dos desafios ambientais contemporâneos por uma perspectiva histórica e presente, não são fenômenos isolados, mas parte de um processo histórico que precisa ser enfrentado com criticidade. Diante disso, percebe-se que a articulação entre História e Educação Ambiental, sobretudo em sua dimensão pós-crítica, é um caminho de possibilidade para a formação de sujeitos conscientes, críticos e compromissados. A escola pode ser um espaço de ecossistemas de ideias para compreensão e preservação do meio ambiente construindo por meio do espaço e da temática a compreensão de suas realidades e da percepção de qual futuro almejam sem renunciar à responsabilidade como cidadão e sujeito histórico do seu meio.

4 Considerações finais

A música *É tempo de ser feliz* da cantora Jamily é uma memória afetiva de quando era uma criança e hoje como adulta foi uma semente que renasceu ao vivenciar o VI Colóquio de História Contemporânea da URCA. A canção dentro do eixo da temática da educação ambiental expressou a importância do espaço escolar ao se ter presente formas de se trabalhar sobre o meio ambiente desde as crianças

mais novas. A palestra “*Antropoceno, capitaloceno e urgência climática: um novo “giro” para a História?*” evidenciou como nosso estilo de vida contemporâneo está intrinsicamente relacionado com os desafios ambientais atuais. A questão central desse trabalho foi como a História, articulada com a Educação Ambiental, pode contribuir para a formação de um pensamento crítico sobre os desafios ambientais contemporâneos?

9

As discussões por meio das evidências dos artigos articulada com a vivência na mesa possibilitou reflexões. As dificuldades de articulação entre História e Educação Ambiental se consistia na dissociação do que é natural do social. Essa desarticulação foi sendo diluída e hoje é possível presenciar trabalhos que apresentam a importância da conexão da História e da Educação Ambiental para a construção do pensamento crítico.

Conforme retratado na mesa pela Professora Doutora Jane Derarovele Semeão e Silva ocorre a temporalidade afetiva marcado pela presença de um novo desafio com a ecoansiedade presente na geração dos mais jovens. A incerteza do futuro sendo apresentado como frágil mesmo diante dos avanços tecnológicos tem gerado pensamentos com o receio da insegurança alimentar, fomento de novas doenças infecciosas e tem provocado preocupação excessiva ocasionando aumento de transtornos psicológicos como a ansiedade e depressão, questão pontual dialogada com Pinto *et al.* (2025).

Ao final, sobre Antropoceno e capitaloceno presente na temática da mesa elucidam uma problemática ampla de longa duração devido ao sistema de produção movido pela lógica da lucratividade por meio da exploração da natureza, propiciando o consumo que atinge diretamente a cultura da sociedade e de como se relaciona no espaço social. São conceitos que se relacionam com questões pertinentes presentes nas cidades e apesar de ser complexo, as cidades podem ser dicotômicas: ora um espaço carregado de problemática, ora como possibilidade de reflexão crítica de quem eu sou nesse espaço, como interfiro e o que irei construir e deixar para futura geração.

Nisso entra a importância de uma educação pós-crítica que reforça a valorização da sensibilidade e da afetividade e criatividade. Essa possibilidade de

aproximação por meio do diálogo e da sensibilidade gera marcas nos sujeitos capazes de se comprometerem, assim como eu por conta de uma canção. Conforme o que foi dito reforço a necessidade de mais produções acadêmicas que articulem a História com os desafios contemporâneos ambientais. Diante as leituras feitas presente nas referências ficou uma lacuna dessa dificuldade de articulação que foi sobre a fragilidade do campo histórico seja pela falta de aproximação com a temática ou de formações docente sobre a temática ambiental. É crucial que nos espaços institucionais como escolas, universidades haja uma possibilidade de ecossistemas de ideias porque somos sujeitos históricos e somos responsáveis pelo meio que vivemos então que assumamos no presente a tarefa de fomentar conhecimento e de nos aproximarmos da temática que está intrinsicamente presente no nosso cotidiano para a preservação do meio ambiente e a construção de futuros possíveis. O VI Colóquio de História Contemporânea URCA foi um rico exemplo que possibilitou no resultado desse trabalho.

Referências

ANDRADE, A. M. de; PEREIRA, R. G.; PEREIRA, A. S. M.; SOUZA, S. T. B. de. Vozes que rompem o silêncio: uma intervenção literária a partir da obra Olhos d'Água de Conceição Evaristo. **Diálogo**, Canoas, n. 57, p. 01-16, julho 2025. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Diálogo/article/view/12793>. Acesso em: 28 set. 2025.

BARBOSA, Erivaldo Moreira; AGUIAR, José Otávio. História, direito e meio ambiente: diálogos possíveis. **Revista Direito e Liberdade**, Mossoró, ano 4, v. 8, n. 2, p. 87-116, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CARVALHO, Diana. A História, os Homens e o Tempo, de Marc Bloch. **A Pátria**, 10 set. 2019. Disponível em: <https://apatria.org/a-historia-os-homens-e-o-tempo-de-marc-bloch/>. Acesso em: 30 set. 2025.

CESAR, Beno; CESAR, Solange de. É tempo de ser feliz. Intérprete: Jamily. In: JAMILY. **Tempo de vencer**. Rio de Janeiro: Line Records, 2002. 1 CD. Faixa 3.

SILVA, Diegdao; SILVA, Rosa Kioko Ildada; DAL MOLIN, Evandinei. intervenções em riscos e desastres: o papel da psicologia no acolhimento das demandas

emocionais da população que sofre com as enchentes no rio grande do sul. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 5, p. 5378-5390, 2024.

CARVALHO, Ely Bergo de; COSTA, Jamerson. Ensino de história e meio ambiente: uma difícil aproximação. **História & Ensino**, v. 22, n. 2, p. 49-71, 2016.

FREIRE, Paulo. **Direitos humanos e educação libertadora**: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo. Editora Paz e Terra, 2019.

11

GABOARDI, Shaiane Carla; NUNES, Lauren De Cesaro. Antropoceno, capitaloceno e lixoceno: diferentes abordagens sobre as relações sociedade-natureza. **Revista Geomae-Geografia Meio Ambiente e Ensino**, v. 12, n. 1, p. 49-65, 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IARED, Valéria Ghislotti *et al.* Educação ambiental pós-crítica como possibilidade para práticas educativas mais sensíveis. **Educação e Realidade**, v. 46, n. 3, 2021.

PINTO, Luisa Janaina Lopes Barroso *et al.* Ecoansiedade na gestão pública em saúde: a perspectiva da Educação Ambiental e Ecopsicologia. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 20, n. 5, p. 223-235, 2025.

SANTOS, Caio Dayrell. Vida e Morte na crise das barragens: Luto Ecológico diante catástrofes do antropoceno. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, v. 27, n. 2, p. 126-151, 2020.

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI. Mesa 03 – VI Contemporaneidades. [S. l.: s. n.], 2025. 1 vídeo (1h48min). Publicado pelo canal **URCA Oficial** no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/YO6oO-QwIOo?si=gr56yMoj8jloD-eu>. Acesso em: 30 set. 2025.

¹ Larissa Guimarães de Sousa Cavalcante, ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1492-1521>

Universidade Estadual do Ceará

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Cultura e Espacialidade pela Universidade Estadual do Ceará (PPGHCE). Graduada em Bacharel em Ciências humanas pelas UNILAB, em pedagogia licenciatura plena pela Faculdade PLUS. Especialista psicopedagogia e gestão escolar.

Contribuição de autoria: em que esse autor colaborou com o texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6871974594713054>

E-mail: lgschistory@gmail.com

Editora responsável: Arliene Stephanie Menezes Pereira Pinto

Recebido em 25 de setembro de 2025.

Aceito em 26 de outubro de 2025.

Publicado em 30 de outubro de 2025.

12

Como citar este artigo (ABNT):

CAVALCANTE, Larissa Guimarães de Sousa. História e Educação Ambiental: reflexões sobre desafios contemporâneos ambientais. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 6, n. 1, 2025.